

A narrativa fraticida de Abimelec rumo ao poder: uma interface da (neo)teocracia à brasileira (Jz 9,1-6)

Abimelech's Patricidal Narrative towards Power: a Brazilian Interface of the (neo) Theocracy (Jdg 9, 1-6)

Antonio Carlos Frizzo
Instituto Teológico São Paulo/ITESP - Brasil

Resumo

Uma narrativa só existe em função de uma determinada realidade. Está diretamente implicada aos interesses de um grupo social. Não existe aleatoriamente. Provém de um motivo que a faz existir. Tem a força de significar alternativas. Seja pelo processo da oralidade, das esculturas, dos desenhos ou sinais, a narrativa está inserida em um contexto social e cria uma rede de significados. O artigo compreende a narrativa ao redor do personagem Abimelec, exposta no livro bíblico dos Juízes (Jz), capítulo 9, versículos 1-15, como uma parábola contrária ao regime da monarquia que se instalou na região norte de Israel, em meados do século VIII a.C. Longe de toda forma de anacronismo, o exercício do poder, seja qual for a instância ou instituição, pauta-se pelo ideal da ética e da justiça social.

Abstract

A narrative exists only because of a certain reality. It is directly implied to the interests of a social group. There is no randomness. It comes from a motive that made it real. It has the power to signify alternatives. Whether it comes from oral process, sculptures, drawings, or signs. The narrative is inserted in a social context, and it creates a network of meanings. This paper understands the narrative surrounding the character Abimelech, as it is exposed on the Biblical book of Judges (Jdg), chapter 9, verses 1-15, as a parable against the monarchy regime that was installed in the north region of Israel, amidst the VIII Century B.C. Far from all forms of anachronism, the exercise of power, whatever the instance or institution, is guided by the ideal of ethics and social justice.

Palavras-chave

Narrativas bíblicas.
Abimelec.
Relatos históricos.
Juízes 9.

Keywords

Biblical narratives.
Abimelech.
Historic reports.
Judges 9.

Introdução

A Bíblia é um vasto e rico acervo literário e, como tal, traz suas marcas, seus estilos narrativos. Sabendo que o alfabeto, tal como conhecemos hoje - *abcde...* - começou a ser utilizado, na região da Palestina, em meados do século VIII, oportuno perguntar como que tais tradições foram preservadas? O recurso à escrita é recente nas cortes dos monarcas e círculos religiosos, quando comparado às inscrições surgidas no Antigo Egito, Assíria e Síria. Não havia o recurso de recorrer à grafia no desejo de firmar um contrato entre diferentes monarcas, escrever uma breve ou longa história, ou até mesmo, compor uma bela oração ou um salmo. Tudo, antes de ser redigido, passou pelo que conhecemos e chamamos de tradição oral. Tal como encontramos nesse relato do livro do Deuterônomo:

Quando, amanhã, teu filho te perguntar: ‘que significam os ensinamentos, os preceitos e as normas que o SENHOR, nosso Deus, vos ordenou?’, então dirás a teu filho: ‘Nós éramos escravos do faraó, no Egito, e o SENHOR nos fez sair do Egito, com mão poderosa. O SENHOR fez, aos nossos olhos, sinais e prodígios grandes e terríveis contra o Egito, contra o faraó e toda a sua casa. Ele nos fez sair da lá, para nos conduzir e nos dar a terra que, com juramento, prometera a nossos pais (Dt 6,20-23).

Narrativas, isto é, textos, sejam religiosos ou não, tenham ou não parte com o sagrado, são narrativas. São resultados dos esforços de pessoas que se dedicaram a pesquisar, sintetizar e escrever os resultados de seu trabalho. As narrativas encontradas nos textos bíblicos são frutos de um rígido e dedicado trabalho empreendido pelo escritor ou grupo responsável pelo texto. Nesse sentido, oportuno perceber a afirmação que nos é dada pelo evangelista Lucas, ao apresentar seu evangelho sobre Jesus de Nazaré: “Muitos já tentaram compor um relato coordenado dos fatos ocorridos entre nós, como nos transmitiram os que foram testemunhas oculares desde o princípio. E tornaram ministros da palavra. Assim decidi também eu, caríssimo Teófilo, depois de ter cuidadosamente investigado tudo desde o começo, pô-lo por escrito para ti, em boa ordem, para que conheças a solidez dos ensinamentos que recebeste” (Lc 1,1-4).

O evangelista acentua: 1) um trabalho de pesquisa e síntese, ao afirmar “*relato coordenado dos fatos ocorridos*”; 2) consultas no desejo de saber o que levou o apóstolo a entrar em contato com “*testemunhas oculares*”. Ele, Lucas, conviveu com pessoas que conheceram Jesus e seu modo de viver; 3) e, por fim, a arte de escrever de modo, claro e em boa “ordem” as narrativas em suas obras, pois o autor do evangelho escreveu também o livro dos Atos dos Apóstolos.

Mas o que é uma narrativa? O que há por detrás de um texto contando momentos históricos de uma determinada família, de um clã ou de um monarca? Qual o sentido das fábulas, parábolas enfronhadas no interior de uma determinada narrativa? Uma narrativa não cai do céu, como no filme do ET. Não acontece de uma hora para a outra. Para surgir uma narrativa, vale a pena conferir a afirmação de um excelente escritor e entendido no assunto: “Penso que para contar é preciso antes de tudo construir um mundo, o mais mobiliado possível, até nos menores detalhes”, disse Umberto Eco. Uma narrativa exige três importantes momentos:

1) Observação: não se trata somente de contar, transmitir. Uma narrativa constrói um mundo, estabelece códigos e regras revelando o modo de funcionamento de um determinado grupo social.

2) Criar laços: contar fatos impõe unir um acontecimento a um outro. Há sempre causa e efeito. Nada, em nenhuma civilização, passou a existir de um momento para outro. Há grupos de dominadores, há interesses dos subalternos, há, o que chamamos de jogo de interesse. Se alguém propõe a paz, vamos pautar a paz. Se um outro acena para o diálogo, vamos dialogar. Sim, uma narrativa cria laços. Funciona como uma corrente unindo narrativas e, daí, nasce o contar histórias.

3) Indicar o tempo: nada do que falamos ou pensamos existe fora do tempo. Sim. Tudo acontece em uma data, em um ano, em certo período. Dos antigos habitantes das cavernas até a nossa geração passaram anos. Períodos em que a humanidade se desenvolveu na convivência de uma comunidade com outra. “Tudo que se conta acontece no tempo, leva tempo, se desenvolve

temporalmente; e o que se desenvolve no tempo pode ser contado” às futuras gerações (MARGUERAT e BOURQUIN, 2009, p, 29).

Os estilos nas narrativas históricas

Nas leituras dos livros históricos - Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis, nos deparamos com um complexo universo de narrativas que julgamos, nesse exato momento, realçá-las, certos de que tais observações nos auxiliarão e, em muito, no desejo de ler e interpretar as narrativas de modo mais frutuoso.¹ Vejamos:

- 1) **O estilo confessional:** Os historiadores, nos distintos livros, sabem e creem que tudo vem de Adonai e tudo caminha para ele/Deus. Os autores de tais textos eram pessoas crentes. Para os autores “históricos deuteronomistas” tudo aconteceu por obra e desejo de YHWH. O fato mais exemplar dessa história é o Êxodo. O Êxodo foi a maior e melhor experiência narrada de um povo que se encontra com sua divindade. O Êxodo é a chave histórica para se compreender, não somente Deus, mas toda a bíblia. Mas por ser um Deus vivo (Ex 3) ele também surgirá como uma divindade que castiga diante dos pecados e infidelidades cometidas por seu povo escolhido. Nos relatos, nós, séculos depois, podemos entender o universo religioso predominante na época em que as histórias passaram da fase oral para a fase escrita.

- 2) **O estilo querigmático:** Do grego - anúncio, proclamação - de uma fé. A história de Israel, contida nos livros históricos, foi uma tentativa vitoriosa de narrar que Deus manifestou-se em favor de um povo. Ela foi escrita a partir de uma experiência de fé. O Deus na Bíblia não se faz presente, manifestado por meios dos sonhos,

¹ Lamadrid deu uma significativa contribuição ao acenar algumas marcas para ler e compreender os livros históricos, ao indicar tais características que sinalizam um modo fácil e lógico no entendimento das narrativas. LAMADRID, Antonio González. *As tradições Históricas de Israel*. Petrópolis, VOZES, 1999.

revelações, mas só, e somente na história. Histórias contadas por profetas e profetizas (Dt 26,5-9; Sl 78,67-71).

- 3) **O estilo interpelante:** As histórias exemplares, expostas nas novelas de Ester, Tobias, Rute, Judite e outras, mais do que conhecer, descobrir a prática desses expoentes é preciso imitá-los. Eis o grau de importância no conjunto dos livros históricos. Os personagens não surgem como meros informantes, mas como um chamado, uma postulação à lei e a optar pela divindade exposta na narrativa. As sagas narradas visam nos inquietar, tirar-nos da zona de conforto e a fazer algo em prol da humanidade. Colaborar em algum processo de humanização existente em nosso círculo social.

4) **O estilo profético:**

Os livros que em nosso “Canon” recebem o título de “livros históricos” na bíblia hebraica são chamados de livros proféticos anteriores. Os profetas foram os teólogos, os catequistas, os jornalistas nas diferentes etapas da história da Palestina. Pessoas ou grupos que leem seus textos não interpelados a exercerem, em seus tempos, atos proféticos nas dinâmicas da história. “O Senhor Deus não faz coisas sem revelar seu segredo a seus servos, os profetas” (Am 3,7). A profecia não se prende a um passado, mas é atual. O processo de humanização é constante e não pode ser freado por governos autoritários ou antidemocráticos. A primazia da vida não está no servir o capital, o mercado neoliberal. Qualquer mercadoria deve satisfazer os seres humanos. A profecia impõe-se naturalmente frente a lógica predominante do mercado que ignora, exclui e mata.

5) **O estilo escatológico:**

Para os antigos a história reflete fatos cíclicos na vida do povo. A história é exposta como cíclica, que acontece tendo como eixo inicial certa divindade. A história parte dessa divindade e caminha ao seu encontro. A concepção histórica de Israel tem como eixo a teologia do Êxodo. Essa

experiência libertadora é o eixo pelo qual se firmam e perpassam todas as narrativas. Essa história é um êxodo contínuo e impõe novos horizontes: êxodo do Egito, êxodo no período assírio, êxodo no regresso babilônico, êxodo de Cristo.

- 6) **O estilo salvífico:** Os livros históricos não são meros relatos, mas narrativas que pautam um projeto de salvação para o cotidiano. Apontam perspectivas para a vivência da fraternidade, da igualdade. As histórias expõem experiências que convidam a ser imitadas, vividas e celebradas. Não há palavra divina sem uma prática voltada para o estabelecimento de relações justas, equânimes, inclusivas.

Na base desses critérios, identificamos dois grupos de narrativas. Um primeiro grupo é o que chamamos de histórias gerais sobre a formação de Israel. Nesse grupo, listamos os livros de Josué, Juízes, Samuel 1 e 2 e Reis 1 e 2. Cinco importantes temas perpassam esse conjunto de narrativas históricas: 1) A divindade de nome Javé e sua morada no templo de Jerusalém; 2) Israel tem um Deus e seu nome é Javé; 3) A institucionalização da monarquia; 4) A posse da terra e a proteção perpétua ao redor da Torá=Lei; 5) A manutenção e prática perpétua da Aliança.

Um segundo grupo é identificado como história do cronista e agrupa os relatos registradas nos dois livros de Crônicas, Esdras e Neemias. Tal conjunto tem como tema central o retorno da comunidade religiosa a Judá e seus esforços de construir um estado político, com amplo aval e incentivo dos monarcas persas, capaz de assegurar identidade religiosa e étnica aos grupos que optaram por voltar e reconstruir o estado de Judá, arruinado pelas guerras de 597 e 587 a.C.

Vamos nos debruçar sobre uma narrativa de estilo interpelante. Quem a escreveu ou os grupos de escribas que deram o retoque final, não nos legou um texto incólume. Não redigiram algo de estilo jornalístico que 24 horas após o fato perde seu valor e significado. Não escreveram textos para “embrulhar peixe”. Ousaram em uma narrativa que nos serve de alerta. O poder, seja qual for a instância ou instituição, está a serviço de alguém ou de um grupo. A

história de Abimelec é emblemática. Ela, não somente interessa, como inquieta e incomoda nossas maneiras de idealizar, construir e exercer o poder político.

“Brasil, pátria amada e não armada”

Subida a rampa do palácio, o presidente Bolsonaro dá sinais de cruzar a reta de chegada dos seus quatro anos de governo, e se apresenta para concorrer a um possível segundo mandato, nas eleições marcadas para outubro de 2022. Atravessou os quatro anos de governo dançando na corda-bamba. Seu fiel escudeiro, deputado Arthur Lira (PP-Alagoas) está sentado em cima de 143 pedidos de impeachment contra o presidente (cf. <https://apublica.org>).² Como, na política tudo tem um preço, o gabinete de Lira, segue pagando em dia as emendas parlamentares aos deputados do insaciável Centrão (PP, PL, Solidariedade, PTB, PSD, MDB, DEM, PROS, PSC, Avante e Patriota).

O presidente, não somente é um mentiroso compulsivo, como também, por seu hábito fino de mandrião, mostra-se inepto na administração dos desafios vividos pela sociedade brasileira. Administra, mas para qual grupo? Faz declarações, mas beneficiando quais setores e grupos sociais? Há quem o compare ao mito da confusão, da divisão e da morte. Aos mais achegados ao universo religioso, esse ser mitológico é chamado pelo conhecido título de “demônio”, “satanás” ou “diabo”. Sinônimos para definir um gênio com poderes maus e que só atua para dividir, confundir e levar as pessoas à morte (BETTO, 2020, p.18).

Em um manifesto intitulado “*Carta ao povo de Deus*”, um grupo formado por 152 bispos católicos, faz um profético ao denunciar as mazelas e desleixos com os reais sofrimentos que assolam os pobres brasileiros³. Eis seis aspectos do manifesto que consistem em saber por qual motivo o governo inflama uma parcela de seu eleitorado - cerca de 30% - e aposta no quanto pior melhor:

² Acessado em 7 de março de 2022.

³ A “Carta ao povo de Deus” pode ser encontrada em vários sites. Veja uma edição em powerpoint em nosso blog: www.padrefrizzo.com.br.

- 1) “No plano econômico, o ministro da economia desdenha dos pequenos empresários, responsáveis pela maioria dos empregos no País, privilegiando grandes grupos econômicos que nada produzem”.
- 2) O país “atravessa um dos períodos mais difíceis da sua história, comparado a uma tempestade perfeita. Crise de saúde sem precedentes, colapso da economia e profunda crise política de governança”.
- 3) “Incapacidade e inabilidade do Governo Federal em enfrentar essas crises”. As reformas feitas só pioraram a “vida dos pobres, desprotegeram vulneráveis, liberaram o uso de agrotóxicos, afrouxaram o controle do desmatamento e, por isso, não favoreceram o bem comum e a paz social”.
- 4) “O desprezo pela educação, cultura, saúde e pela diplomacia também nos estarrece. Esse desprezo é visível nas demonstrações de raiva pela educação pública; no apelo a ideias obscurantistas... na falta de sensibilidade para com os familiares dos mortos pelo novo coronavírus e pelos profissionais da saúde, que estão adoecendo nos esforços para salvar vidas”.
- 5) “O Governo Federal demonstra omissão, apatia e rechaço pelos mais pobres e vulneráveis da sociedade... os mais atingidos pela pandemia e, lamentavelmente, não vislumbram medida efetiva que os levem a ter esperança de superar as crises sanitárias e econômicas”.
- 6) “Até a religião é utilizada para manipular sentimentos e crenças, provocar divisões, difundir o ódio, criar tensões entre igrejas e seus líderes... Como não ficarmos indignados diante do uso do nome de Deus e de sua Santa Palavra, misturados a falas e posturas preconceituosas que incitam ao ódio”.

O governo pode acabar nas eleições agendadas para o próximo mês de outubro. O desafio maior será pôr fim ao ideário *bolsonarista*. No momento em que formatamos este texto, partidos políticos, movimentos populares e sindicais se esforçam na criação de uma “frente ampla” - união de vários partidos - capaz de vencer as eleições e impedir mais quatro anos de políticas neoliberais. Tudo dependerá dos resultados eleitorais. Ou salvamos a frágil democracia ou corremos o risco de ver a situação piorar. Está em curso um regime (neo)teocrático e, dessa vez, abençoado por setores das igrejas neopentecostais.

Um governo (neo)teocrático poderá se petrificar. A logomarca adotada “*pátria amada, Brasil*”, as inúmeras falácias de elevar ao STF - Supremo Tribunal Federal - um juiz “*radicalmente evangélico*” e o fundamentalismo bíblico por detrás do termo joanino “*conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*” (Jo 8,32) serão os principais ingredientes do marketing eleitoral bolsonarista. Afinal, ele já deixa saudar como “*mito, mito, mito...*”. O salvador da pátria!

Se de um lado ousa-se constituir, com elevado esforço cidadão, a tal frente de partidos, do outro, uma gigantesca e bem selada união à direita se consolidou. Setores das forças armadas - leia-se militares de “*pijamas*”, a turma de generais e coronéis aposentados ávidos por um soldo extra, no final do mês - se uniram ao grupo do agronegócio, milícias e bilionários “*pastores evangélicos*” nesses passados quatro anos de bolsonarismo.

Uma causa maior, o Estado laico sustenta esses apoiadores que aceitam o sacrifício da laicidade no altar do capital financeiro. E, da parte de uma parcela expressiva da população, parece tratar-se de um fundamento natural do poder. Como negar que Deus deva estar sempre no comando da nação, do governo e, no fundo, do próprio Estado? Na teologia do poder de Deus, hegemônica nas confissões religiosas e, em boa medida, na cultura, não há lugar para dúvidas, sob pena de incredulidade e de apostasia. Ninguém duvida de que Deus esteja no comando de tudo. O Deus *obsconditus* dos subterrâneos da coisa pública vem revelando-se nos espaços de comando da mesma, desde que chegou ao parlamento e ensaiou uma aliança eficaz nas frentes BBB. Nessas já se encontravam a Bíblia (acima da Constituição), o agronegócio (contra os ecológicos) e o fuzil (sem o feijão) (PASSOS, 2022, p. 27).

Quando o assunto é apego ao dinheiro somado à prática religiosa, corrupção e assassinatos os ingredientes são os mesmos, quando comparados aos planos empreendidos por Abimelec. Salvo os séculos que nos separam de tal história e experiência e, claro, longe de qualquer anacronismo, a soma do poder, do dinheiro, da corrupção e da religião, nas mãos de ávidos corruptos nunca levaram uma nação a um porto seguro.

Alianças espúrias de Abimelec (Jz 9,1-6)

O projeto de inaugurar um novo estilo de governo, junto às tribos de Israel, surge, pela primeira vez nas páginas bíblicas, com Abimelec, termo hebraico compreendido por “meu pai é rei”. O narrador final da obra ofereceu inúmeros elementos para compreender, em detalhes, os passos feitos pelo filho de um outro juiz chamado de Jerobaal. Há consenso em vê-lo como sendo Gedeão, o grande juiz (Jz 7-8).

Os passos iniciais de Abimelec circundam Siquém, uma cidade egípcia fundada no período do BM IIA (bronze médio), entre os anos de 1800 - 1750^a.C. (MAZAR, 2003, p. 203). Um antigo lugar de culto, onde a arqueologia acena a construção de duas *masebôt*, datadas do ano de 1550 a.C., o possível templo de Baal-Berit (cf. Jz 9,4). Lá ocorre o registro narrativo da aliança entre Javé e seu povo (Js 24). Conhecido lugar de refúgio (Js 20,7; 24,32) e imponente capital do reino do Norte. De Siquém teria saído vinho para prover a corte do rei da Samaria, até ser destruída por Sesac (cf. 2Cr 12,2).

O passo rumo à realeza, dado por Abimelec, exige um suporte ideológico significativo. Foi preciso apela aos laços de família para que o plano político fosse validado. Não é por uma causalidade que seu primeiro passo é buscar apoio nos laços familiares. Seus planos seriam inviáveis sem o apoio de outras famílias que convivem no mesmo clã. Além de vir procurar seus tios e de todo o clã - *mishpaḥa* -, Abimelec sabe que sem os proprietários de terras - *ba'alim* -, seu projeto seria inviável:

Abimelec, filho de Jerobaal, foi a Siquém, para junto dos irmãos de sua mãe, e dirigiu as seguintes palavras a todo o clã da casa paterna de sua mãe: “Falem, por favor, aos ouvidos de todos os senhores notáveis de Siquém: O que é melhor para vocês: que sejam

governados por setenta homens, todos eles filhos de Jerobaal, ou que um só homem exerça o governo? Lembrem-se de que eu sou osso de seus ossos e carne de suas carnes”. Os irmãos de sua mãe disseram essas mesmas palavras aos ouvidos de todos os senhores notáveis de Siquém, e o coração deles inclinou-se para Abimelec, pois diziam: “Ele é nosso irmão”. (Jz 9,1-3).

União familiar e apoio financeiro oferecem elementos cruciais para obter prestígio e ter meios para efetivar os planos. São elementos básicos. Uma vez aceito o plano pelo grupo dos anciãos da tribo, o narrador expressa seu veredito, em forma consensual, pela afirmação conclusiva dos irmãos que expressam total confiança. O ‘coração’, elemento central na tomada de consciência, se inclina a Abimelec. Afinal, *“Ele é nosso irmão”*. Essa afirmação expressa confiança e total parcialidade. Seus irmãos se declaram prontos a entregar suas vidas para ver o irmão no exercício da realeza.

O modelo descentralizado defendido por significativa tradição profética está prestes a ruir. O fim do regime de convivência entre diferentes lideranças de um mesmo clã, está prestes a desaparecer. O argumento proposto é algo que nunca tinha sido feito antes. Eis o motivo de tanto entusiasmo. Plano aceito, agora é preciso arrumar suporte financeiro. E essa necessidade passa a ser solucionada com o suporte oriundo do templo.

Em seguida, deram-lhe oitocentos gramas de prata vindos do templo de Baal-Berit. E com essa quantia Abimelec recrutou homens desocupados e aventureiros, que passaram a andar em sua companhia. Ele voltou para a casa de seu pai, em Efra, e matou seus irmãos, filhos de Jerobaal, setenta homens, sobre a mesma pedra. Restou somente Joatão, filho mais novo de Jerobaal, que se escondera. Em seguida, reuniram-se todos os senhores notáveis de Siquém e de toda Bet-Melo, próximo ao carvalho da coluna, e declararam Abimelec rei de Siquém (Jz 9,4-6).

Nos cultos ao Deus Baal, encontramos, não somente uma multiplicidade de títulos atribuídos ao seu senhorio, como inúmeras designações topográficas (Ex 14,2; 1Rs 18,20-40; 2Rs 11,18). Baal não é somente uma divindade criadora e responsável pela fertilidade nos campos, enviando chuva no tempo certo e protetor dos animais, mas merecedor de um título exaltando-o como “Senhor da Aliança” ou “o Aliado” - Baal-Berit -, cultuado na cidade de

Siquém⁴. E será, justamente nessa principal cidade sede do santuário, aproveitando-se das ofertas oriundas do templo, que Abimelec usurpará a soma de “setenta siclos de prata” para contratar homens, qualificados como “vagabundos e aventureiros” (v. 4). Com o apoio afetivo e efetivo familiar e tendo em mãos uma significativa quantia em espécie equivalente a 80 (oitenta quilos de prata), resta partir para a execução do plano.

No segundo passo feito por Abimelec, encontramos sua ação fratricida. A narrativa se utiliza de uma expressão idiomática realçando o gesto violento empreendido contra seus setenta irmãos: “*os matou sobre uma mesma pedra*” (v. 5). Em outras palavras, as respectivas famílias que formam um clã perdem seus líderes. Essa trágica acefalia só fez apressar a ascensão de um assassino ao trono. Sem resistência e certo de que seus atos permaneceriam encobertos, os proprietários de terras declararam Abimelec rei, na parte fortificada da cidade. Fecha-se um ciclo e abre-se um outro. A monarquia só se torna possível na base da corrupção e do assassinato. Não veio por consenso e, sim, pela violência.

Por isso tem que ser denunciada. E, tal empreitada passa ser feita pelo irmão mais novo e sobrevivente: Joatão - “*Javé é integro*” -, em hebraico. Sua ação profética expõe quão é inútil e violento o projeto da realeza defendido e financiado pelos notáveis da região.

Em uma narrativa de gênero parabólico, o narrador final do livro, expõe sua opinião ao denunciar o gesto de Abimelec. A fábula expõe, em um finíssimo senso sapiencial, os perigos e as consequências de dispor o poder a qualquer pessoa. Oportuno conferir a dinâmica na narrativa de Jz 9,7-15:

Prestem atenção às minhas palavras, senhores notáveis de Siquém! Que Deus ouça vocês!. Certa vez, as árvores se puseram a caminho à procura de alguém que fosse capaz de ser ungido para reinar sobre elas. Disseram à oliveira: ‘Reine sobre nós!’ A oliveira lhes respondeu: ‘Por acaso eu abandonaria o meu azeite, com o qual se honram os deuses e os homens, para ir balançar-me sobre as árvores?’.

⁴ Oportuno nossa análise ao apresentar a imortalidade das antigas divindades femininas e masculinas, nas culturas que influenciaram as narrativas históricas, sobretudo os relatos deuteronomistas. FRIZZO, Antonio C. *Divindades roubadas: cultos populares no livro dos Juízes*, RIBLA, 75, 2017, p.33-45.

Então as árvores disseram à figueira: ‘Venha e reine sobre nós!’ A figueira lhes respondeu: ‘Por acaso eu abandonaria minha doçura e meus bons frutos, para ir balançar-me sobre as árvores?’.

As árvores disseram então à videira: ‘Venha reinar você sobre nós!’ A videira lhes respondeu: ‘Por acaso eu abandonaria meu vinho, que tanto alegra aos deuses e aos homens, para ir balançar-me sobre as árvores?’

Então todas as árvores disseram ao espinheiro: ‘Venha reinar você sobre nós!’. O espinheiro respondeu às árvores: ‘Se vocês querem de verdade ungir-me rei sobre vocês, venham abrigar-se debaixo da minha sombra. Mas, se não querem, que saia fogo do espinheiro e devore os cedros do Líbano’.

Intrigante perceber as idênticas respostas das nobres árvores. Nenhuma delas ousa abandonar seu grau de importância. Eis um modo de afirmar as fragilidades e os riscos no exercício do poder. Essas nobres árvores - figueira, vinha e oliveira - estavam na base econômica na região e, além do mais, tinham um significativo poder simbólico quando utilizadas em rituais religiosos. Todas elas manifestam seu grau de contentamento nas funções determinadas pela natureza. A oliveira unge reis e alimentam pessoas. A figueira oferece um saboroso fruto e a videira alegra deuses e os homens. Por quais motivos iriam abandonar suas nobres e destacadas funções para “*balançar sobre as árvores*”? (Jz 9, 9,11 e 13).

Reinar oferece lugar de destaque e significativa honraria. Não é para qualquer pessoa. O “*balançar-se sobre as árvores*” indica os reveses, sempre corriqueiros, no ato de governar. Há perigos. A realeza é apresentada como alguém que está acima dos demais. Exerce seu poder sobre os outros e traz, ao mesmo tempo, em si, o perigo sempre existente. Quem hoje está no poder pode um dia dele ser destituído. Por ser uma posição de destaque, todos olham e cobiçam.

As árvores produtivas dizem não ao convite de reinar. Mas uma assembleia, reunindo “todas as árvores”, finalmente, encontra alguém à desafiadora tarefa de reinar. Um arbusto, reconhecido como espinheiro, incapaz de produzir frutos aceita a árdua e nobre tarefa de reinar. O infrutífero espinheiro se deixa convencer pelo clamor de “todas as árvores” que lhe foram pedir: “reine sobre nós” (Jz 9,14).

Evidente que no gesto do espinheiro firma-se a crítica aos planos de Abimelec. Assim como corrupção, mentira e morte colaboraram para que seja aclamado rei, na resposta do espinheiro está o resultado de suas ações: “se é de boa fé que me ungis para reinar sobre vós, vinde e abrigai-vos à minha sombra. Se não, sairá fogo dos espinheiros e devorará os cedros do Líbano” (v. 15).

A fábula na boca de Joatão, único sobrevivente da maquinação de Abimelec, mostra o resultado dessa primeira e frustrante tentativa de instituir um estilo governo ritmado por um monarca. Nessa fase da história, o papel do rei é visto como inoportuno e ineficaz. Fogo saindo do espinheiro e queimando as nobres e caríssimas árvores de cedro, são acenos à ruína e garantia de fracasso de um povo.

Considerações finais

O narrador ou narradores responsáveis pela edição final do livro dos Juízes não foram condescendentes com Abimelec. Seu reinado não durou mais que três anos. A narrativa destaca uma disputa interna pelo poder entre os “*notáveis de Siquém*”, seus antigos apoiadores e o “*grupo de malvados*” que servem e seguem fielmente as ordens ditas por Abimelec (Jz 9,22-57). Por sua astúcia, Abimelec consegue impor a morte aos seus antigos apoiadores, mas uma tragédia irá levá-lo à morte. Será pelas mãos de uma mulher que o famigerado projeto de ser rei a qualquer preço terá seu final. “Quando os homens de Israel viram que Abimelec estava morto, foram-se cada um para sua casa” (Jz 9,55). Ainda não foi desta vez que a monarquia se estabilizou, mas ela se encontra a caminho.

Evidente que a força da memória popular é realce na narrativa de Jz 9,1-20. Tais narrativas acenam os radicais defensores das experiências tribais. No seguimento dos fatos históricos, sabemos que o regime da monarquia acabou prevalecendo, mas não inume a uma saraivada de críticas. Os fatos testemunham que grupos tribais perseguiram a utopia da convivência fraterna, da partilha e da igualdade. Está em jogo o *ser* e não o *poder*. Eis

onde atracam suas teses para criticar o modelo concentrador, violento e excludente do rei. Resistir foi a palavra de ordem.

Oportuno notar como a crítica ao modelo monárquico ecoará nas propostas das comunidades oriundas da pregação de Jesus de Nazaré. O exercício do poder é inevitável, mas não está voltado para si, mas direcionado à felicidade do outro, dos grupos e da igualdade. Àquelas e àqueles que o exercem oportuno do alerta da comunidade do evangelista Marcos:

Sabeis que aqueles que vemos governar as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos (Mc 10,42-44).

Referências

- BETTO, Frei. *O diabo na corte: leitura crítica do Brasil atual*. São Paulo: Cortez Editora, 2020.
- DIETRICH, Luiz José. *Quando a fé faz mal, desumaniza e mata. Reflexões sobre o monoteísmo no Primeiro Testamento*. Disponível em <https://www.padrefrizzo.com.br/post/quando-a-fe-faz-mal-desumaniza-e-mata>. Acesso em: 11 nov. 2020.
- DOWBOR, Ladislau. *A era do capital improdutivo*. São Paulo: Outras palavras & autonomia literária, 2017.
- FRIZZO, Antonio Carlos. Divindades roubadas: cultos populares no livro dos Juízes. *RIBLA*, São Paulo, n. 75, p. 33-45, 2017.
- KAEFER, José Ademar. *A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá*. São Paulo: Paulus, 2015.
- LAMADRID, Antonio González. *As tradições históricas de Israel: introdução à história do Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LIVERANI, Mario. *Antigo Oriente: história, sociedade e economia*. São Paulo: Edusp, 2016.
- MAZAR, Amihai. *Arqueologia na terra da Bíblia, 10.000 - 586 a.C.* São Paulo: Paulinas, 2003.
- PASSOS, João Décio. *No lugar de Deus: ensaios (neo)teocráticos*. São Paulo, Paulinas, 2022.

RÖMER, Thomas. *A chamada história deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária*. Petrópolis: Vozes, 2008.

Trabalho submetido em 13/03/2022.

Aceito em 04/06/2022.

Antonio Carlos Frizzo

Possui doutorado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2009). Nos anos de 1996-1999 estudou teologia cristã e tradição judaica no Instituto Pontifício Ratisbonne, Jerusalém, Israel, obtendo o título de mestrado pelo Instituto Católico de Paris (1999). Possui graduação em teologia pelo Centro Universitário Assunção (1983). Atualmente é professor na Faculdade Católica de São José dos Campos e no ITESP, São Paulo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2526-493X>. Email: acfrizzo@uol.com.br